

GOVERNO TERÁ DE SE ESFORÇAR PARA CONVENCER PARTIDOS DERROTADOS NA ELEIÇÃO A APOIAR O PACOTE

DIFICULDADES À VISTA

306

Lydia Medeiros
Da equipe do Correio

Feridas eleitorais costumam fazer. E as cicatrizes dos aliados do governo derrotados na eleição de domingo vão exigir tratamento especial do presidente Fernando Henrique Cardoso. Até o fim do ano, o presidente espera ver aprovadas as principais medidas de ajuste fiscal que anuncia amanhã, marcando, na prática, o início de seu segundo mandato.

Terá que trabalhar dobrado para fazer a bancada governista, abalada pelo resultado das urnas, continuar a seu lado neste fim de ano, quando vai precisar de apoio necessário à aprovação do pacote e receber o sinal verde do Fundo Monetário International (FMI) a um empréstimo de cerca de US\$ 30 bilhões.

A primeira advertência sobre as mazelas dos políticos governistas partiu do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), o principal aliado do Planalto. Na opinião de ACM, os problemas para aprovar o ajuste só aumentaram depois de proclamados os resultados do



segundo turno das eleições. O senador recomendou muita conversa com quem perdeu, mas chamou atenção para a urgência das medidas. "As pessoas sofridas com a derrota são mais difíceis de convencer. Mas nós vamos fazer o possível, levando em conta a necessidade de o Brasil aprovar o seu ajuste fiscal com maior rapidez, para que possamos dar, interna e externamente, demonstrações de que estamos mudando o modelo econômico."

Entre os derrotados, os maiores caíques do PMDB, que arregimentavam os votos do partido para aprovar os projetos governistas: Iris Rezende (GO), Jader Barbalho (PA) e Antônio Britto (RS). Iris perdeu para um tucano, Marconi Perillo, e certamente guarda queixas do comportamento de ex-colegas de ministério que ajudaram a campanha do PSDB.

Jader, presidente do PMDB, tem reclamações semelhantes e ameaçou não deixar as mágoas sem resposta. Britto perdeu para o PT e Fernando Henrique fez o que pôde por sua eleição, mas ele próprio não teve bons resultados no estado, ficando atrás de Luiz Inácio Lula da Silva. E

todos terão que conviver com a vitória de Itamar Franco — foco garantido de oposição ao pacote — a quem impediram de concorrer à presidência da República.

Mas a maior mágoa é de Paulo Maluf, a quem Antonio Carlos brindou com o peso de seu apoio durante a campanha e com sua solidariedade na derrota. Ao perder para Mário Covas, estrela do PSDB, Maluf muda de lado e deverá marcar posição contra medidas incluídas no pacote, como o aumento de impostos. Seu partido, o PPB, perde o maior líder e tende a incorporar-se ao PFL de ACM — ou a formar um bloco parlamentar que dará trabalho ao Palácio do Planalto. No PFL, perderam o senador Hugo Napoleão (PI), e ex-prefeito do Rio, César Maia, além do ex-ministro Luís Carlos Santos, que ocupava a vaga de vice na chapa de Maluf.

Com o desfecho das eleições, fica mais complicado para o governo trazer a Brasília os parlamentares que não foram reeleitos. Os líderes tentam fazer levantamentos, mas desde já não contarão, como em outras vezes, com a força dos governadores. Antônio Britto, por exemplo, diversas vezes trocou suplentes infieis da bancada gaúcha pelos titulares confiáveis que estavam em seu secretariado, salvando votações difíceis.

Glaucio Dettmar 1-12-97



Antonio Carlos ao lado de Michel Temer: "As pessoas sofridas com a derrota são mais difíceis de convencer"

307